

**«A Lua e o Pirlampo»**

**Uma história urgente para um tempo de indiferença.**

Por Pompeu Miguel Martins

## **«A Lua e o Pirlampo»**

### **Uma história urgente para um tempo de indiferença.**

**Por Pompeu Miguel Martins**

Quando falo de literatura com crianças, tenho por hábito começar por perguntar-lhes se sabem para que serve a literatura. Das respostas esperadas, onde se refere normalmente o conhecimento da língua, a apropriação da mensagem central da história, a biografia do autor, o seu estilo ou corrente literária, costumo acrescentar que a literatura existe para nos transformar em pessoas mais felizes. Isto para que não deixe de ser dito, e sobretudo sentido, que a literatura é algo que deve fazer parte da nossa vida, de forma tão espontânea e tão natural como qualquer outra actividade ou acontecimento.

Quando tomei contacto, pela primeira vez, com este texto de estreia de Conceição Dinis Tomé, foi-me dito que o mesmo resultava de um hábito recorrente da sua autora em criar as histórias que conta aos seus filhos. Na altura, não conhecia a Margarida e o João, mas já sabia que pela imaginação e pela voz da sua mãe, seriam crianças que certamente a felicidade visitava regularmente. Nada melhor do que começar assim uma relação com a literatura, pela voz dos pais, pelos afectos que daí advêm, pelos comentários que fazemos ao longo das histórias, pelo que aprendemos e damos a aprender e pela aventura que se vive sempre que se entra num texto.

Uma vez, a Margarida e o João quiseram saber o que era o luar. Daí surgiu o conto que agora se publica «A Lua e o Pirlampo». Esta é uma história onde se encontra uma linguagem cifrada com a interioridade do espírito e com a essencialidade do Ser, através do relato de um encontro entre a Lua, criatura vaidosa e solitária, e um Pirlampo disponível para os outros, atento e construtivo.

Mas, o que será essencial ao Ser e que intimismo poderá daí advir? Fica claro nesta história que a autora acredita firmemente que a vida só se concretiza e vale a pena se se construir com base na partilha. Este é um conto ontológico sobre a dádiva. A construção das personagens proporciona uma viagem serena e tocante perante alguns valores que julgo fundamentais para os dias que correm. Na caracterização da personagem Lua, começa por ler-se:

*«Naquela altura a lua era muito vaidosa.(...)Usava muitos produtos de beleza para dar cor aos lábios, amaciar a pele e dar brilho aos olhos. Ainda não tinha descoberto, infelizmente, nenhum produto para alegrar o olhar».*

A questão crucial passa pela valorização positiva daquilo que no plano imaterial faz, tanto ou mais, parte da nossa identidade que as riquezas palpáveis. Os artifícios de uma Lua inicialmente vaidosa e distante de tudo e de todos nunca lhe faltaram ao longo dos tempos, porém a alegria do olhar era algo que ainda não tinha conseguido; pior: por desconhecer uma série de sentimentos, entre eles a amizade e a solidariedade, esta Lua egocêntrica nem sequer sentia falta dos mesmos por lhe serem distantes e estranhos.

Gostava de abrir aqui um parêntesis para ler esta história com os olhos de adulto e referir neste momento a subtileza e o convite a uma reflexão alargada a todas as idades sobre os perigos por que passamos, quando em torno de nós se contextualiza a indiferença e a ignorância. Os povos alienados com artifícios materiais, que bloqueiem ou remetam para planos inferiores o exercício de um sentido crítico sério, de um estímulo à construção ou de uma prática também vocacionada para os valores de partilha e convivência com o outro, são a mais fiel expressão de um povo oprimido.

Na caracterização do Pirlampo, a autora constrói esta personagem enquanto figura de um pequeno ser que cultiva os valores da amizade e da solidariedade, que é alegre e criativo, que se encontra de bem com as coisas simples da vida e que recorre à escrita e à imaginação como um acto normal do seu quotidiano.

*«(...)Eu gosto muito de escrever. Quando me sinto triste e quando me sinto muito contente. Quando me levanto e sinto o dia nascer e vejo o orvalho sorrir nas ervas, quando sinto a brisa fazer dançar o rio ou nos dias de chuva, quando fico triste ...»*

Esta relação estreita com as coisas simples da vida, este ligar a escrita ao quotidiano dos seres, negando por isso a inacessibilidade da criação ou fruição da arte ao comum dos seres, resulta como um alerta que a autora nos lança no sentido de percebermos o papel da imaginação e da criatividade na construção de um dia-a-dia equilibrado e partilhável.

O mesmo acontece e é reforçado na caracterização da personagem cigarra que se aproxima do seu papel clássico de cantora mas que, rapidamente, Conceição Dinis Tomé apropria e transforma esse mesmo papel, no sentido de lhe colocar sobre os ombros, não a irresponsabilidade de quem só canta, mas a missão e a inteireza de quem também canta e sabe usar essa sua faceta no convívio e na entrega ao próximo.

«(...) - Ah! Tu escreves canções?- perguntou surpreendida a lua.

- Escrevo a letra e depois escrevo a música ou o contrário. Às vezes escrevo uma história e depois visto-a de música e outras escrevo a música e depois encho-a de palavras.- respondeu a cigarra com um ar de gente que se julga muito importante.

- De que falam as tuas canções?- perguntou curiosa a lua.

- De muita coisa: da tristeza e da alegria, da amizade, dos meus sonhos... Se quiseres posso cantar-te uma enquanto o teu amigo pirlampo não chega».

A personagem Rã, por seu turno, é utilizada para nos realçar o sentido de pertença. Contudo, também aqui se confronta o sentimento de pertença a um lugar através da sua existência material e espiritual. É clara a intenção da autora quando alude ao fazer parte de algo por via das emoções:

- O que significa morar ? – perguntou com o sobrolho franzido a lua.

- Morar é fazer parte de um lugar.- respondeu pensativa a rã.

- Ah! Então já sei onde ele mora!- respondeu contente a lua, como quando encontramos algo que perdemos.- À noite encontro o pirlampo nas margens do rio e durante o dia encontro-o no meu coração.

Uma opção de escrita que me pareceu válida foi a negação de um agrupamento homogeneizante que levasse a que todas as personagens, através do contacto ao longo da acção, se tornassem iguais ou parecidas. Este ser diferente e conviver bem com essa mesma diferença é uma mensagem urgente a transmitir às gerações mais novas que, sem dificuldade, se diluem em comportamentos grupais, com base numa artificialidade fruto das crises e da indiferença do momento, esvaziando o que em si há de mais genuíno e de distinto. Nesta história, é a diversidade existencial das personagens que enriquece o universo individual de cada uma delas, é a diversidade que faz alargar fronteiras, ver mais longe, ser mais rico.

Enquanto obra literária para a infância e juventude, «A Lua e o Prilampo» é um exemplo vivo de resistência a alguns géneros literários que por se destinarem a um público mais novo assumem o preconceito de que o mesmo não está disponível para a interpretação, para o contacto com o fantástico e com o poético. Conceição Dinis Tomé utiliza livremente a poesia e a fantasia na sua escrita, e isso, no meu modo de ver, é algo que torna esta história uma história maior. É nesta relação com a linguagem poética que sobra tempo para que cada leitor abandone a imaginação passiva e recrie uma narrativa com a qual desenvolve laços de pertença, tornando-a sua.

Esta apropriação do leitor, este milagre da releitura, só é conseguido se o autor for um espírito livre que não construa enredos fechados e evidentes, que não acrescentem, que não falem a alma alguma, por resultarem de uma deprimente escrita simplista. Escrever para a infância deve ter o dom da simplicidade mas não deve ser simplista. As histórias que nos fizeram, que nos marcaram o imaginário e a personalidade foram certamente aquelas em que os autores levaram a magia e a poética aos corações livres das crianças que fomos e que em cada instante tinham uma parte de si na história.

O explícito e o gratuito são tudo aquilo que não é arte, são tudo aquilo que não precisamos, num mundo onde parece ser necessário abrir cada vez mais janelas à fantasia, à construção e não à passiva receptividade de fórmulas cuja intenção perversa é a negação do pensamento reflexivo que leva à tomada de consciência do direito de em cada criança existir um cidadão em potência. Um cidadão que se deseja participante, que se deseja atento, por saber das emoções (das alegrias e tristezas) que fazem os tantos outros com quem nos cruzamos e temos o dever de estar próximos.

«A Lua e o Pirlampo» é uma bela história sobre a identidade e sobre os sentimentos mais nobres da tolerância e da amizade. Um texto que nos fala de tesouros, porém de tesouros da alma, aqueles que vamos descobrindo e guardando no baú mais fundo da consciência, mas ao mesmo tempo, o mesmo que se estampa nos sorrisos mais abertos que nos constroem a felicidade duradoura, aquela que nos identifica como seres únicos e irrepetíveis no universo.